

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2009 - ANO XIII - EDIÇÃO COMEMORATIVA - Nº 146

Foto arquivo Pro-Memória



O Centenário da Fábrica Presidente Vargas

“Tu nasceste, na verdade, p’ra Defesa do Brasil!”

A Fundação Christiano Rosa, com grande alegria, une-se à comunidade piquetense para comemorar o centenário da Fábrica Presidente Vargas.

Ao registrarmos tão grata efeméride – especial tanto para a história desse estabelecimento, como para Piquete –, cumpre-nos evocar a memória do insigne Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, Ministro da Guerra do governo Campos Sales, a quem se deve a iniciativa da criação de uma fábrica de pólvora sem fumaça no Brasil. Em 1902, o Ministro, acompanhado de uma comissão de técnicos, veio à região de Piquete vistoriar as terras doadas pelo Barão da Bocaina ao governo federal, para que nela se construísse um sanatório militar e uma fábrica de pólvora sem fumaça. Escolheu para edificação do sanatório a região de Lavrinhas, no alto da Mantiqueira, e para a fábrica, a região do Bemfica, em terras piquetenses. O Ministro determinou, além da constituição de uma comissão construtora do sanatório e de outra para o Ramal Férreo Lorena-Bemfica, o imediato início das obras. A construção da fábrica de pólvora sem fumaça, porém, só foi iniciada em julho de 1905, no governo Rodrigues Alves, por determinação de seu Ministro da Guerra, Marechal Francisco de Paula Argollo. O local originalmente escolhido foi substituído, por questões estratégicas e técnicas, pela região das fazendas “Estrela do Norte”, “Limeira” e “Sertão”, adquiridas pelo governo federal.

Decorridos pouco mais de três anos de obras dirigidas pelo Ten. Cel. Augusto Maria Sisson, chefe da Comissão Construtora, a

fábrica foi inaugurada pelo Presidente da República Afonso Pena, em 15 de março de 1909, sob a denominação de Fábrica de Pólvora sem Fumaça, sendo designado seu primeiro diretor o Ten. Cel. Achilles Veloso Pederneiras, sob cuja envergadura moral e intelectual firmaram-se as bases de sua organização e regulamentação.

Ao longo de sua história, a Fábrica foi administrada por destacados vultos do Exército, que deixaram reflexos de sua cultura, além da contribuição patriótica do seu trabalho, das experiências e sacrifícios pela causa da defesa nacional. Nomes como Antônio Afonso Carvalho, Jorge França Wiedmann, Alípio Gama, José Gomes Carneiro, Pompeu Cavalcante e Waldemar Brito de Aquino deixaram traços indelévels, pois impulsionaram o desenvolvimento dessa indústria, ampliando suas instalações, montando outras e aperfeiçoando a qualidade de seus produtos.

O que a Fábrica deu para a Nação não se mede apenas pelos produtos que dela saíram para quartéis, fortalezas, navios e aviões, numa contribuição quase desconhecida, mas fundamental para as Forças Armadas. A área de ação sempre foi muito extensa. Pioneira no Brasil em certas atividades, foi nela que se fabricaram os primeiros explosivos industriais brasileiros e se deu partida à centelha de que se originou a indústria nacional de explosivos químicos.

De norte a sul, de leste a oeste do Brasil, onde uma grande obra se realizava produtos da Fábrica se faziam necessários. Assim, em hidrelétricas, túneis, estradas, metrô, prospecção de petróleo, minas de carvão,

de ferro, de ouro, o nome da Fábrica e, indiretamente, o de Piquete, se tornavam conhecidos. Paralelamente ao grande desenvolvimento industrial experimentado nesses cem anos, suas administrações priorizaram políticas sociais voltadas para o bem-estar do operariado e seus familiares. Assim, é justo lembrarmos que todas as grandes obras sociais desenvolvidas em Piquete, sem exceção, foram conduzidas pela Fábrica, com planejamento, seriedade e competência administrativa. Piquete ganhou vilas operárias, hospital, farmácia, maternidade, centro odontológico, departamento educacional, clubes recreativos, praças, monumentos, campo de futebol, igrejas, zoológico... Esses benefícios se estendiam a toda a cidade. Desde seus primórdios, a Fábrica sempre colaborou com os poderes públicos, de maneira que muitas obras construídas na cidade tiveram o apoio da Fábrica, direta ou indiretamente.

Em 1977, a Fábrica foi desmembrada do Exército, passando a fazer parte da Imbel, dentro da nova política do governo federal, deixando de priorizar aspectos sociais.

Num olhar retrospectivo, constata-se que a Fábrica Presidente Vargas foi a consagração do esforço de nosso povo e o testemunho de nossas possibilidades, pois significa uma conquista de que se orgulhou o país. Nesta obra modelar que completa seu primeiro centenário, consubstanciaram-se a tenacidade do trabalho, o sacrifício de oficiais, funcionários e operários, e a abnegação de humildes obreiros que, na obscuridade de seus mistérios, aqui edificaram uma pátria forte e nova.

Imagem - Memória

A visita de Getúlio Vargas



sob suas ordens, bem como alguns técnicos civis contratados. Mais tarde, todos se dirigiram para o jardim em frente à administração, no interior da Fábrica, onde o presidente foi saudado pelo Coronel Gomes Carneiro que, em nome da diretoria, da administração e da oficialidade deu as boas-vindas ao insigne visitante.

O operário Augusto Ribeiro de Souza, em nome do operariado saudou também o presidente, e a menina Maria Augusta Beraldo Leite declamou com graça e naturalidade uma poesia dedicada ao chefe da nação. Os alunos da Escola Pública da Fábrica, dirigidos pela Prof.^a Cenira Araújo, e todos os operários, sob a direção do Cap. Bibiano Sérgio Dale Coutinho, cantaram o Hino Nacional. Em seguida, um batalhão constituído pelo Contingente da Fábrica e por mais de mil operários desfilaram recebendo palmas pelo garbo, disciplina e entusiasmo com que se apresentaram. Após essa solenidade, o presidente da República iniciou a visita à Fábrica percorrendo demoradamente todos os grupos de fabricação.

Ao chegar às obras de instalação da fábrica de pólvora de base dupla, foi recebido e saudado pelo chefe da Comissão Construtora da "Base Dupla", Cel. Luiz Sá Affonseca.

Terminada a visita às instalações fabris, o presidente da República dirigiu-se ao "Hospital da Estrela", onde hoje se encontra instalado o Fórum, e percorreu a vila operária em construção ao lado. Terminada a visita, o presidente não escondeu o entusiasmo por tudo que observara, tendo ressaltado a disciplina, a ordem, o asseio e a perfeita compreensão de responsabilidade de todos que empregavam suas atividades no maior e mais importante estabelecimento fabril do Ministério da Guerra. À noite, no salão do Cinema, magnificamente engalanado, foi servido um jantar pela direção da Fábrica. Após o banquete, o Presidente foi presenteado com um artístico bronze pelo Coronel Gomes Carneiro, que discursou agradecendo a honrosa visita. Ante o inesperado da cerimônia, o Presidente, visivelmente comovido, agradeceu com palavras repassadas de emoção a lembrança doada pela Fábrica de Piquete.

Antes de se retirar, inaugurou a iluminação do campo de esportes dos operários e recebeu estrondosa manifestação do povo que, em massa, aglomerava-se para novamente o saudar.

Em outubro de 1940, o presidente Getúlio Vargas, participando de manobras militares no Vale do Paraíba, fez uma segunda visita à Fábrica. Foi, com carinho, que a oficialidade, o operariado e a população de Piquete receberam a notícia de que a Fábrica de Piquete, a partir de 8 de dezembro de 1942 passaria a se chamar Fábrica Presidente Vargas.

Inaugurada oficialmente sob a denominação de Fábrica de Pólvora sem Fumaça, em 15 de março de 1909, passou a ser chamada de Fábrica de Pólvoras e Explosivos de Piquete por força do Decreto nº 878, de 3 de junho de 1936. Em 1939, por meio do Aviso Ministerial nº 328, de 29 de abril, para simplificação, foi novamente mudado o seu nome para Fábrica de Piquete. Finalmente, quando da visita à Fábrica do então Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, em 8 de dezembro de 1942, numa cerimônia no salão nobre do Círculo Militar da Estrela, foi assinado, em ato solene, o Aviso nº 3231, segundo o qual a Fábrica de Piquete passou a denominar-se Fábrica Presidente Vargas.

Para acompanhar de perto as obras de expansão dessa indústria bélica, a menina dos olhos do Ministério da Guerra, o presidente Getúlio Vargas visitou a Fábrica de Piquete em 17 de julho de 1939. Foi uma visita memorável, ainda lembrada por ex-funcionários. O presidente, acompanhado pelo Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, e o chefe de sua Casa Militar, Francisco José Pinto, foi cumprimentado na escadaria do Cassino dos Oficiais pelo Almirante Guilhem, Ministro da Marinha, pelo Dr. Adhemar de Barros, Interventor Federal no Estado de São Paulo, generais Maurício Cardoso, Comandante da 2ª Região Militar, Lúcio Esteves, Comandante da 5ª Região Militar, Sílio Portela, Diretor do Material Bélico, Raimundo Sampaio, Diretor de Engenharia, e pelo Coronel José Gomes Carneiro, Diretor da Fábrica de Piquete. Lá estava também grande número de oficiais, autoridades, pessoas gradas, famílias, estudantes e o povo de Piquete.

A banda dos operários da Fábrica executou o Hino Nacional e uma seção de artilharia deu as salvas regulamentares. Em seguida, o Contingente da Fábrica apresentou armas em continência, enquanto os estudantes das escolas de Piquete agitavam centenas de bandeirinhas brasileiras. O regozijo foi geral - em cada fisionomia um sorriso de simpatia e uma expressão de curiosidade pela figura simples e afável do magistrado supremo do país.

No salão de honra do Cassino, o Coronel Gomes Carneiro, Diretor da Fábrica, apresentou todos os oficiais que serviam

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



GENTE DA CIDADE

Coronel Pederneiras

O passar dos anos faz cair no esquecimento fatos e pessoas notáveis que lutaram pelo desenvolvimento de nossa terra. Assim, é sempre bom recordar aqueles que muito fizeram por ela.

Neste mês de março, um fato que reputamos como um dos mais importantes da história de Piquete completa cem anos - a inauguração de Fábrica de Pólvora sem Fumaça. Este foi um dos maiores feitos do Exército brasileiro voltado para a defesa nacional.

Comemorar este fato significa reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento que marcou a vida de todos de Piquete. A cidade ganhou alma nova com a chegada dos militares e seus habitantes passaram a conviver com homens dedicados ao serviço da Pátria, sempre dando exemplo de verdadeira cidadania.

Terminadas as obras de construção da Fábrica, em 03 de maio de 1907, aumentou a curiosidade dos construtores, dos operários e da população de Piquete sobre quem viria assumir a direção de tão importante empreendimento. Tal curiosidade foi sanada em 17 de dezembro de 1908, quando foi nomeado por decreto federal para dirigi-la o Tenente Coronel Achilles Veloso Pederneiras. Toda a história da Fábrica está invariavelmente ligada a esse brilhante oficial do Exército.

Fundador e diretor dessa indústria bélica, ele chegou a Piquete, com sua família, em 16 de janeiro de 1909. Deixou aqui vestígios inapagáveis de dedicação e amor ao trabalho. Os serviços por ele prestados são conhecidos muito além dos limites da Fábrica. Quando da inauguração da Fábrica, recebeu simbolicamente do presidente Afonso Pena as chaves do estabelecimento e fez-se merecedor do cargo que lhe fora confiado.

Lutou dia-a-dia pelo levantamento material, técnico e moral da Fábrica, encontrando a cada passo ingentes obstáculos a transpor, desde a questão financeira à organização do pessoal eficiente para o trabalho.

Durante os quase sete anos de sua administração correspondeu às responsabilidades do cargo procurando resolver todas as questões. As dificuldades, todos os anos repetidas com a exiguidade das verbas votadas pelo Congresso, foram os maiores obstáculos com que conviveu.

Entretanto, apesar de todos os óbices, manteve a Fábrica em perfeito estado de conservação, com funcionamento regular de todos os serviços, com estoque de matéria-prima e produtos para todos os anos. Não por acaso fora escolhido para a direção da Fábrica - seu preparo para o cargo era inquestionável. Em janeiro de 1908, através de um Boletim do Exército, foi elogiado em nome do Presidente da República pelo modo lisonjeiro, criterioso e correto com que desempenhou o elevado cargo de adido militar junto à Embaixada Brasileira nos Estados Unidos da América do Norte. Em novembro daquele mesmo ano, através do Aviso 1658, foi louvado pela inteligência, zelo, critério e notável competência com que integrou a comissão encarregada de adquirir nos Estados Unidos o material destinado à montagem da Fábrica em Piquete.

A par de todos os atributos intelectuais, o Cel. Pederneiras era uma pessoa afável e conciliadora, que procurava manter harmonioso o ambiente de trabalho. Seu relacionamento com os assessores diretos e com o operariado era notável. Verdadeiro pai.

Vivendo numa pequena Vila, longe da fascinação do mundo que conhecera, construiu em torno de si um ambiente saudável, mantendo bom relacionamento com a sociedade piquetense. O coronel Pederneiras era presença frequente nas festas promovidas pelo coronel José Mariano, líder político local, no Hotel das Palmeiras, reduto social de Piquete. Foi responsável pela doação do campo de futebol do Esporte Clube Estrela, tendo sido seu primeiro sócio benemérito. Foi homenageado ainda em vida pela munici-



palidade de Piquete, por meio da Lei Municipal nº 57, de 01 de agosto de 1914, com seu nome dado a uma rua na Vila Operária São José - a Rua Coronel Pederneiras. Em Lorena, manteve bom relacionamento com o meio social e com os militares do 53º Batalhão de Caçadores e, principalmente, com os salesianos do Colégio São Joaquim. Muitos militares da Fábrica tinham seus filhos matriculados nesse colégio. Por mais de uma vez foi paraninfo dos alunos salesianos nas festas de formatura. E estes vinham com certa frequência à Fábrica, a convite de seu diretor, para lhe conhecer as instalações.

Após mais de seis anos de um relacionamento intenso com a Fábrica, o operariado e Piquete, no dia 4 de março de 1915, o Cel. Pederneiras foi transferido para o Rio de Janeiro. Iria comandar o Arsenal de Guerra. Foi nomeado para substituí-lo o Tenente Coronel Antônio Afonso de Carvalho. Sua partida deixou grande vazio. Mas, são ossos do ofício e, aos poucos, as coisas foram retomando o ritmo. Em meados de maio de 1917, a Fábrica recebeu a infausta notícia da morte do Cel. Pederneiras no Rio de Janeiro. Foi uma perda lamentável, um duro golpe no operariado. Afonso de Carvalho decretou luto, mandou que depositassem uma coroa de flores no túmulo de Pederneiras e suspendeu os trabalhos naquele dia. Rendia-lhe, assim, um preito de homenagem.

Para lembrar este grande homem, as palavras do arquiteto Adolpho Morales de los Rios Filho, lançadas no livro de visitas da Fábrica, no dia 27 de dezembro de 1916: "... Ao ilustre Coronel Pederneiras, alma de artista num corpo de aço, fundador e primeiro Diretor da Fábrica, o meu incondicional parabéns."



Primeira diretoria da FPSF, ao centro o Cel. Pederneiras

A Fábrica - a idéia formadora

A instalação da Fábrica de Pólvoras em Piquete foi resultado da combinação de acordos celebrados entre três forças motrizes altamente motivadas pela idéia da organização nacional.

1. Os interesses dos políticos ligados ao Partido Republicano Paulista, que foi caudatário das idéias positivistas que deram nascimento à República e fizeram conservadores monarquistas se transmutarem para o liberalismo e o republicano. Alinhavam-se entre esses o ex-deputado e senador Arnolfo de Azevedo, um incontestável líder entre os camaristas de Lorena e com grande espectro de influência nas políticas regional, estadual e mesmo nacional.

2. Os arranjos tramados pelos alvistas em apoio a Rodrigues Alves (Francisco de Paula Rodrigues Alves), guaratinguetense que ocupou a presidência da República entre 1902 e 1906. Foi nesse período de governo que o Ministro da Guerra, o Marechal Argollo (Francisco de Paula Argollo), visitando a Vila Vieira do Piquete, nela reconheceu o local ideal para a construção da pretendida fábrica, a que se sucederam as construções da Usina Hidroelétrica Rodrigues Alves, da Estação Ferroviária Rodrigues Alves e da instalação do ramal férreo Lorena-Piquete – todos estabelecimentos inaugurados em 1906.

3. A recém-emancipada Vila Vieira do Piquete (15/06/1891), como cidade nascente, ávida de estabelecimento que lhe desse condições de sustentação e aos seus habitantes despojados das produções cafezeiras. Além dos muitos retornados da ilusão do ouro e dos caminhos perversos, nos quais o perigo e a fome presentes dificultavam até mesmo as produções de subsistência. Viver, por aqui, sempre foi muito perigoso.

O Marechal Mallet e o Barão da Bocaina acompanhados por comitiva quando da escolha do local para a construção da fábrica de pólvora sem fumaça, em 1902.



A miséria e sua companheira, a insegurança, grassavam nos velhos caminhos prejudicados pela agudeza das escarpas da serra.

Esses três motivos tópicos norteavam-se pelos propósitos do Ministério da Guerra e das Forças Armadas, particularmente do Exército, em atender a necessidade da instalação de uma indústria bélica nacional para se evitar importação, até de pólvora, pois a incipiente produção no Rio de Janeiro não satisfazia.

Impunha-se essa providência pela necessidade da defesa do território nacional, particularmente nas fronteiras ainda nem todas totalmente consolidadas, as lutas internas e externas e a exigência em se atender a capacidade de dissuasão requerida pelos Estados-nação ao se constituírem frente às organizações geopolíticas. Movimentos como a Guerra do Paraguai e as questões do Contestado e da Campanha de Canudos estavam entre as motivações mais destacadas.

Daí a correlação de forças civis e militares para a instalação da nossa Fábrica, cuja história vinculou-se à vida da

cidade, definiu seu destino e modelou a população que hoje demonstra, pelos lados positivos e negativos, a marca indelével dos resultados.

A inauguração a 15 de março de 1909 revestiu-se de solenidade pela presença do Presidente da República, Afonso Moreira Pena, e do Ministro da Guerra, Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, além de outras autoridades nacionais, regionais e locais.

A inauguração da Fábrica em Piquete foi um dos marcos destacados de uma política que ganhara corpo com a República, no sentido de valorizar o que a elite definira

como governo de nação, processo civilizatório e consciência de, tomadas as lições da História, dar-lhes clareza, método e organização, para que a nacionalidade se definisse como guardiã de um princípio básico de ordem e progresso. Princípio esse defendido pelos positivistas, principais mentores da idéia republicana.

Para a população piquetense da época, a possibilidade de se atrelar aos órgãos federais na implantação de uma indústria acenava para um novo tempo, que nos inícios do século XX, se anunciava como promissor.

A prioridade estratégica apontava pela situação no eixo dos dois maiores polos consumidores: São Paulo e Rio de Janeiro.

A fronteira ou divisa entre São Paulo e Minas Gerais ainda gerava muitas discussões, importantíssima questão para definir áreas de segurança e de cobrança de taxas e impostos. Uma questão fiscal que mobilizava registros e barreiras.

A questão ambiental ainda não estava em jogo. Ao contrário, um quadro natural, praticamente intocado, acenava, para discrição, para a obtenção de lenha e água. Hoje, podemos discutir os resultados dessa intervenção, e não são poucos os dados para cruzarmos e podermos explicar a acidez das águas da chuva, a "morte" dos rios e o sentido do uso das águas correntes para carrear toda sorte de sedimentos biodegradáveis ou não.

Quando da primeira locomotiva se emitiu o primeiro apito de trem, os corações se incendiaram, a circulação sanguínea se acelerou, os foguetes espocaram e os primeiros viajantes foram recebidos euforicamente. O progresso chegava pelos trilhos da estrada de ferro. Os animais de carga subsidiariam a circulação nos caminhos mais rudes e íngremes sujeitos a toda sorte de intempéries. Nos trilhos férreos, assegurava-se a movimentação. Na estação, o telégrafo complementaria a eficiência. Piquete entrava na modernidade do século XX movido pelo industrialismo e pelo urbanismo.

Dóli de Castro Ferreira

O Presidente da República Afonso Penna (à frente), no dia 15 de março de 1909, na Vila da Estrela, em Piquete, quando da inauguração da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça.



Foto arquivo Pro-Memória



“foram Senhores em gentileza” (Gonçalves Dias)

O cristianismo e o hinduísmo divergem na consideração do elemento pó.

Os cristãos são todos pó. No dizer do Pe. Vieira, o cristão morto é pó deitado; o cristão vivo, pó levantado.

Os hindus, divididos em castas, consideram pó somente os párias, os “dalits”. É pó que não deve ser tocado, porque contamina.

Quando a memória do povo se publica nas praças, nas festas, nos encontros de amigos e familiares, somos obrigados a concluir que nem sempre a psicologia acerta a respeito dos sentimentos humanos.

Diz a psicologia que a dor tem maior carga emotiva que o prazer, que nos esquecemos mais facilmente das alegrias do que das tristezas, dos elogios do que das ofensas.

Parece que o ofendido é quase sempre obrigado a se lembrar de sua condição de pó – e parece não gostar disso. Sem nenhuma razão; porque o pó levantado é o que se movimenta, que observa, que escolhe, que constrói – que vive; que, pressionado, aprende.

Chamo a atenção para este ponto, porque, na proximidade da comemoração dos cem anos da Fábrica Presidente Vargas, fomos anotando as lembranças espontâneas dos operários aposentados e de seus familiares a respeito dos oficiais e assemelhados que conduziram a vida do estabelecimento. E verificamos que, poucas vezes, se referem a acontecimentos negativos ou dolorosos.

Os mais antigos fazem referência ao espírito democrático do Cel. Carneiro, que, preocupado com a assistência religiosa a seus subordinados, ajudou tanto na construção de um templo católico, como na de

um templo protestante.

Ninguém se esquece do fino trato do Cel. Aquino. Dizem que era tão gentil e afetuoso que, mesmo quando não tinha sua apelação atendida, o funcionário saía da audiência grato ao seu superior.

Numerosos são os que rendem homenagem ao Cel. Monte pelo esforço em oferecer boas escolas aos filhos dos operários; e ao Cap. Tibúrcio, médico que se esmerou no curso para a formação de seus auxiliares na saúde.

Muito elogiado também é o Maj. Toledo pelo seu senso de justiça, nunca permitindo que seu subordinado pagasse pelo que não devia.

Os então estudantes são muito gratos ao Cel. Xexéo e ao Cel. Pinheiro, que chamavam os colegas de seus filhos para estudar em suas residências e lhes ministravam excelentes aulas.

Algumas esposas e filhas de oficiais se tornaram conhecidas e admiradas, porque deram aulas ou compuseram bancas nos famosos exames finais orais.

Entre elas, são citadas D. Alda Vital Brasil, D. Selma Vital Brasil e D. Nelly Meneses Quadrado.



Grande alegria proporcionou ao meio artístico piquetense a esposa do Cel. Almir, D. Maria Eugênia da Graça Franco de Sá.

As professoras do Grupo Escolar da FPV preparavam, todos os anos, uma festa para a entrega dos diplomas aos que concluíam o curso primário.

Eram números variados de canto, dança e declamação apresentados no palco do Cine Estrela.

D. Geninha preparou o roteiro da peça Cinderela (A Gata Borralheira) e convidou as professoras a representá-la na formatura seguinte. Aceita a proposta, ela mesma ensaiou as crianças, cuidou do figurino, da cena e da música.

Durante muito tempo, a população de Piquete comentou, encantada, a atuação das crianças e a dedicação das professoras e da D. Geninha.

Os pós levantados de Vieira criaram em Piquete, durante muito tempo, uma atmosfera saudável e produtiva.

Os pós que produziam e os pós que comandavam, administravam, curavam, encaminhavam, uniram seus esforços – criaram uma orquestra bem afinada.

E o que poderia ter sido apenas mais uma empresa decidiu afirmativamente o destino de muitos piquetenses.

Bons augúrios à Fábrica Presidente Vargas !

Oficiais citados: José Gomes Carneiro, Waldemar Brito de Aquino, José Pompeu Monte, Otávio Tibúrcio Ferreira, Benedito Toledo dos Santos, José de Mesquita Caldas Xexéo, José Guimarães Pinheiro, Almir Autran Franco de Sá.

Foto: Coronel Aquino e Mestres da Fábrica Presidente Vargas em 1945.

Abigayl Lea da Silva

É muito bom saber identificar e entender a beleza do tempo...

"No tempo de semear, aprender. No tempo de colher, ensinar. E quando o inverno chegar, gozar..."

A frase atribuída ao inglês William Blake (1757/1827) resume bem a beleza da longevidade. Não há nada mais rico do que a experiência. A oportunidade de registrar os anos, de contar as primaveras pela lembrança do tamanho e intensidade das folhas e das flores é impagável. As marcas do tempo são inevitáveis. Qual o problema de assumi-las? Ninguém, nem nada, será jovem eternamente. Essa é a beleza do viver – o acúmulo de tempo, de vida. Quem tenta vencer o tempo acaba vencido por ele.

A tecnologia e o avanço da Medicina permitem, atualmente, que se tente apagar as marcas do tempo. Nada contra. A necessidade de bem-estar é natural. Se estar belo significa saúde, que venham as intervenções plásticas; elas estão aí para nos ajudar. Há que se tomar cuidado, porém, com os excessos. A eterna insatisfação consigo mesmo é a chave para o ridículo e torna-se uma disfunção séria quando afeta a personalidade. O culto à beleza deve valorizar também as marcas do tempo – leiam-se as

rugos... O lugar-comum já deixa claro: rugas são sinais de experiência. Prefiro pensar que devemos agradecer a possibilidade de nos enrugarmos; caso isso não aconteça, é sinal de que "paramos" muito cedo... Concordam?

A Fábrica Presidente Vargas completa neste 15 de março 100 anos. Ao longo desse seu século de vida, passou por diversas intervenções plásticas. Todas com a finalidade de melhorar, jamais visando a esconder o passado. Suas rugas são visíveis. São, porém, de uma centenária que as exibe com prazer: os filhos criados, o patrimônio adquirido com o árduo trabalho, a descendência... Nem tudo é belo, sabe-se. Há alguns cancros inextirpáveis, demonstrados em arte estilizada; esses, sim, seriam desejados não existir. Mas estão aí para mostrar que se deve aprender com os erros e, assim, aperfeiçoar as técnicas.

A beleza de um centenário não se conta pelo número dos anos. Parece também lugar-comum, mas resume a "vida" da Fábrica. Sua história é tão bela quanto rica. Conhecê-la faz-se necessário para que a amemos ainda mais. Deixemos de lado, por instantes, sua idade atual, em que ela não se apresenta tão

bela quanto na juventude, e pensemos em como podemos participar de uma equipe cirúrgica que faça intervenções para torná-la mais feliz e, consequentemente, mais produtiva e atuante nestes pesados dias. Façamos de conta que um pouco da estória de "Benjamim Button" seja possível... Tratemo-na como um recém-nascido centenário. Dessa forma, se a ajudarmos agora, serão, no mínimo, mais cem anos em que a juventude será a recompensa.

Parabenizo a FPV. Parabenizo seus operários e a memória de todos os que já o foram. Quero, também, agradecer os 100 anos da Fábrica. Quero agradecer os sulcos na pele dessa senhora que soube, no tempo de semear, aprender; que soube, no tempo de colher, ensinar. Desejo que seja longo e duradouro o outono de sua existência; que ele sirva para angariar ainda mais recursos para se enfrentar o inverno, que, sabemos, chegará. Mas que esse inverno seja um tempo de gozo, junto com a família de piquetenses, de brasileiros e estrangeiros que a ajudaram em todas as outras estações.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Acontecimentos

Em ato solene, o tenente-coronel Augusto Maria Sisson, chefe da Comissão Construtora, entregou a chave simbólica da Fábrica de Pólvora sem Fumaça ao Dr. Afonso Moreira Pena, Presidente da República, que a repassou ao coronel Aquiles Velloso Pederneiras, diretor da mesma, com palavras de confiança na sua administração à frente da novel indústria. Eram mais ou menos 14h30min de 15 de março de 1909.

Antecedentes

Para suprir as necessidades de nossas Forças Armadas e, consequentemente, assegurar a soberania do seu território, o Brasil dependia da importação de explosivos e munições.

Como Ministro da Guerra de Campos Salles, o Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet deu início a um movimento renovador no Exército. Entre outras medidas, incluiu no plano de obras da Diretoria Geral de Engenharia a construção de uma fábrica de pólvoras e explosivos, que obteve aprovação através do Aviso nº 15, de 4 de fevereiro de 1902.

Piquete foi o local preferido, pois atendia às exigências estratégicas no campo da segurança, devido à sua topografia, e, no técnico, pelos seus recursos naturais. Determinou o Ministro, na mesma oportunidade, a construção de um ramal férreo que ligasse a Estrada de Ferro Central do Brasil ao Bemfica, local primeiramente aceito para a edificação da fábrica.

Eleito Presidente Rodrigues Alves, seu Ministro da Guerra, marechal Francisco de Paula Argollo, deu continuidade à iniciativa e, em 1905, a União adquiriu as fazendas “Estrella do Norte”, “Limeira” e “Sertão” para a localização do empreendimento, em detrimento da Fazenda Bemfica, oferta do Barão da Bocaina.

O projeto da fábrica foi elaborado pela Cia. E.I. Dupont de Nemours, EUA, tendo sido aprovado pelo Aviso nº 105, de 4 de maio de 1905. O governo criou, então, a Comissão Construtora do Parque Industrial, de acordo com o Decreto de 6 de julho de 1905, nomeando como seu diretor o tenente-coronel Augusto Maria Sisson.

A Comissão de Compras, chefiada pelo general Modestino de Assis Martins, nomeada pelo governo em 26 de janeiro de 1906, cuidava da aquisição das máquinas e outros materiais indispensáveis à fábrica. Nesse mesmo ano, o ramal férreo chegava a Piquete. O primeiro prédio edificado pela Comissão Construtora, a usina hidroelétrica,



foi inaugurado com pompas pelo marechal Argollo, em 15 de setembro. Recebeu o nome de “Rodrigues Alves”, em homenagem ao Presidente da República. Também o Ministro foi reverenciado, tendo seu nome ligado à represa que, no mesmo dia, se inaugurava.

Com a construção de 37 edifícios, no ano seguinte, 1907, a Comissão Construtora deu por encerrada a sua missão em 3 de maio. Processar-se-ia a instalação da maquinaria.

Pelo Decreto nº 7230, de 17 de dezembro de 1908, foi aprovado o primeiro regulamento da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, fixando entre seus objetivos “abastecer o Exército e a Armada com seus produtos; entregar ao mercado as sobras destes, adaptadas no que convier aos usos correntes, criando assim uma fonte de receita para o Estado; e proceder a toda a sorte de estudos técnicos relativos a pólvoras e explosivos, não só em bem do serviço público, como também mediante indenização para fins particulares”. Mais ainda, dispunha o Decreto sua organização: 1º Grupo – Ácidos; 2º Grupo – Algodão Pólvora; 3º Grupo – Nitroglicerina e Dissolventes; 4º Grupo – Pólvoras; 5º Grupo – Usina Hidroelétrica, Casa da Força Motriz, Oficinas de máquinas e ferraria, de carpintaria e latoaria. Como serviços subsidiários, o Laboratório Químico e Casa Balística. Nesse mesmo dia, 17 de dezembro, era nomeado Diretor da FPSF o coronel Aquiles Velloso Pederneiras, que assumiu o cargo a 16 de janeiro de 1909.

Tudo estava pronto, aguardando apenas a inauguração oficial do Estabelecimento. E foi marcada a data: 15 de março desse 1909, com a presença da mais alta autoridade do país. Em comboio especial, às 5h encostou na estação de Lorena o trem trazendo a comitiva que tinha como destino Piquete. Na gare lorenaense, aguardava o séquito presidencial o Presidente do Estado de São Paulo, Dr. Albuquerque Lins, e secretariado, deputado Arnolpo de Azevedo, Conde de Moreira Lima e outras autoridades. As 7 horas, no Ramal Férreo Lorena-Bemfica, o Presidente Afonso Pena, acompanhado de vários ministros, do Presidente do Estado, de secretários, de grande número de altas patentes militares e autoridades civis, tomava o rumo da obra a ser inaugurada.

Já em território militar, a Usina Hidroelétrica “Rodrigues Alves” foi o primeiro ponto de visitação. Seguindo para a fábrica propriamente dita, o Presidente Afonso Pena e todos os seus acompanhantes percorreram e examinaram detalhadamente todas as oficinas. As informações e explicações sobre o funcionamento dos mecanismos foram transmitidas aos visitantes pelo tenente-coronel Sisson, chefe das construções; pelo tenente-coronel Pederneiras, Diretor da Fábrica; pelo major Pedro Alexandrino, Sub-diretor, e pelos responsáveis das seções.

A hora do almoço, deslocaram-se para o prédio do quartel (Contingente), onde foi



servido um banquete. O general Modestino Martins, Diretor Geral de Engenharia, usando da palavra, agradeceu a visita do Presidente da República, do Presidente de São Paulo, dos Ministros de Estado e demais autoridades, e traçou um histórico da Fábrica, reverenciando os nomes dos Marechais Mallet e Argollo. Finalizando, enalteceu a missão do governo presidencial, a quem coubera a glória de concluir tão necessária iniciativa. Respondendo à saudação, disse o Presidente Afonso Pena estar radiante pela realização dessa arrojada empresa do governo anterior, que preparava o Brasil para a defesa da sua soberania.

Em seguida ao almoço, o Presidente da República recebeu carinhosa manifestação dos habitantes de Piquete. A banda de música que os acompanhava executou o Hino Nacional. Em nome do povo piquetense e da Câmara Municipal discursou o senhor Francisco Torres Sobrinho.

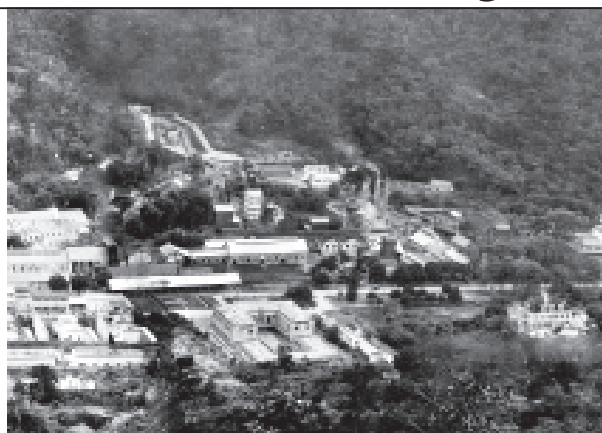
Retornando à Fábrica, a comitiva foi diretamente para o último prédio a ser visitado – o laboratório, denominado “Afonso Pena”. Neste local, foi lavrada a ata da inauguração, que foi assinada por todos os presentes.

Subseqüências

Sob o acompanhamento dos engenheiros L.W. Bierwirth, representante da Cia. E.I. Dupont, Theodore Baker, químico especialista, e T.R. Wright, mecânico, a 25 de maio desse 1909, nossos operários deram início à fabricação de pólvora sem fumaça, tendo, em setembro, o Exército recebido o primeiro lote fabricado no Brasil. Antes de completar seu primeiro ano de estadia, os técnicos americanos foram dispensados. Nossos patrícios encontravam-se total-



da Fábrica Presidente Vargas



Novamente foi alterada a designação do estabelecimento, observando o Aviso 328, de 25 de abril de 1939, para “Fábrica de Piquete”.

Na administração do coronel Sílvio Lourenço Scheleder, em 15 de março de 1941, foram inauguradas as “Fábricas de Pólvoras de Base Dupla, Dinamite e Nitroglicerina”.

Em 25 de fevereiro de 1942, assumiu o coronel Waldemar Brito de Aquino. No âmbito da Fábrica, registramos a inauguração do Refeitório, do Laboratório Central, Usina de Óleo. Na área social, procedeu-se à construção de casas residenciais, do Cine Estrela do Norte,

do “Elefante Branco”, da Vila “Duque de Caxias”, do magnífico “Departamento Educacional”, entre outras obras.

Ainda a registrar que, em 8 de dezembro de 1942, por Aviso Ministerial 3231, o complexo industrial passou a chamar-se “Fábrica Presidente Vargas”.

O cinquentenário da Fábrica, em 15 de março de 1959, ocorreu na administração do coronel Ário Rodrigues Ribas, e foi condignamente comemorado.

Da sua inauguração até os dias atuais, a Fábrica não fez outra coisa a não ser investir em novas tecnologias, em novos estudos, sempre acompanhando os passos do progresso. Seu desligamento direto do Ministério do Exército, para ingressar no conglomerado Indústria de Material Bélico do Brasil (IMBEL), deu-se em 1977.

Nesse período destacou-se a construção das unidades de Fabricação de Nitrocelulose, Unidade Piloto de Propelentes Moldados e a Oficina de Massa Primária, sendo a primeira inaugurada em 1987, com a presença do Presidente da República José Sarney.

Ao completar seu centenário no dia 15 de março de 2009, a Fábrica Presidente Vargas conta com área construída de 112.879m²; com 343 edifícios operacionais e 8 administrativos, mantendo uma área de preservação ambiental de 28.000.000 m², contendo as seguintes unidades de produção: Fábricas de Nitrocelulose, Nitroglicerina e Dinamites, Pólvoras de Base Simples, Massa Primária (para pólvoras de base dupla), Pólvoras de Base Dupla, Trotil, Propelentes Moldados (motores para foguetes), Nitrato de Monoetanolina, Lamas Explosivas, Explosivos Tipo Nitrocarbonitrato, Carbonitrato, Emulsões Explosivas e Utilidades Industriais: Estação de Tratamento de Água, Estação de Tratamento de Despejos Industriais, Estação de Geração de Vapor, com o objetivo precípua de produzir produtos químicos, explosivos e propelentes de emprego militar e civil.

Nos seus cem anos de existência, a Fábrica tem reconhecida sua importância estratégica para a IMBEL, para o Exército e para a Segurança Nacional, no sentido de estar preparada, com seus produtos e serviços de alta tecnologia militar, para

suprir as necessidades de fornecimento e de mobilização das Forças Armadas do Brasil.

Há que se fazer justiça, pois além das qualidades morais e administrativas dos diretores que geriram os destinos da Fábrica para planos mais elevados, sempre houve a assessorá-los uma plêiade de gabaritados oficiais, engenheiros e administrativos do Exército, que primavam, com seus esforços e competência, para a grandeza do Estabelecimento. Citar alguns seria injustiçar outros. Ligados igualmente à história da instituição estão os técnicos civis, os mestres e o operariado que, através dos tempos, demonstraram capacidade invulgar, e somente honraram, na labuta diária, a confiança neles depositada.

A Fábrica e Piquete

Nossa cidade, humilde Vila do final do século 19, que se propunha um progresso baseado no café e na agricultura, fatalmente teria a estagnação como futuro e uma vida modorrenta. Tivemos a felicidade de em nossas terras instalar-se a “Fábrica de Pólvora sem Fumaça”. Aí, realmente, Piquete nasceu. Toda a cidade passou a viver em sua função e, mesmo aqueles que nenhum vínculo possuíam com ela, indiretamente se beneficiavam.

As atividades sociais da Fábrica para seus funcionários e familiares eram, sem nenhum embaraço, extensíveis aos particulares. Relembremos de quantas glórias o “Estrela de Piquete” trouxe à cidade (e não à Fábrica). O nome de Piquete é que se destacava. O mesmo acontecia com a Banda de Música e seus dois “Jazz Bands”.

A educação, através do extraordinário “Departamento Educacional”, elevou piquetenses, filhos de operários ou não, aos mais diversificados ramos da vida nacional.

Atendendo indistintamente, o mais bem aparelhado hospital da região, o da Fábrica, amenizou muitos sofrimentos.

Também a cidade, nas horas tristes de sinistros acontecimentos na Fábrica, ceifando vidas de operários, chorava, lamentosa, essas armadilhas do destino. Irmanavam-se todos na mesma dor, no mesmo luto.

Piquete ainda é a Fábrica. Fundem-se, embora a maioria da população, na atualidade, nenhum vínculo direto mantenha com ela. A Fábrica é nosso símbolo.

Parafraseando o brio patriótico de Hibrain Nobre, encerramos: é pena que para tão grande história tão curto espaço.

Antônio Carlos Monteiro Chaves

mente conscientes de suas atribuições.

Confirmando a eficácia de nossos engenheiros químicos e do operariado, em 1911, participando da Exposição Internacional de Torino, na Itália, a FPSF de Piquete, conquistou com brilhantismo o “Grande Prêmio”. Prêmio este que se repetiu na Exposição Internacional, no Rio de Janeiro, durante as comemorações do primeiro centenário da nossa independência, em 1922.

Sob a direção do coronel José Pompeu de Albuquerque Cavalcante, iniciou-se a construção da Fábrica de Trotil, inaugurada a 19 de maio de 1933.

Através do Decreto nº 878, de 3 de junho de 1936, o estabelecimento passou a denominar-se “Fábrica de Pólvoras e Explosivos de Piquete”.

No 3º Congresso Sul-Americano de Química, em 1937, no Rio de Janeiro, a Fábrica participou como “Hors-concours”, recebendo o diploma correspondente.

Como Diretor desde 1935, o coronel José Gomes Carneiro propiciou um ciclo grandioso nos anais da Fábrica. Deu início à construção das Fábricas de Nitroglicerina, Dinamite e Pólvora de Base-Dupla; da nova oficina de óleo, nova oficina de fundição, novo laboratório químico experimental; refeitório, além de ampliações e construções em todas as oficinas. Isso tudo no interior da Fábrica. Fora dela, construiu o Cassino dos Oficiais, playground, enfermaria-hospital, farmácia, gabinete odontológico, escola primária, reforma e iluminação para jogos noturnos no campo de futebol, residências para operários, cantina; montou a banda de música, proporcionou a contratação de jogadores para o E.C. Estrela etc.



Fábrica de Sonhos

As lembranças me vêm à memória um pouco apagadas, mas ainda vivas no meu inconsciente e, talvez, no inconsciente de muitos da minha geração. Certamente, os detalhes ficaram esquecidos, pois as marcas do tempo em nossas vidas são inexoráveis. Mas consigo me recordar das boas coisas que vivenciamos naquele longínquo tempo que começou antes mesmo do nascimento de muitos de nós.

Quem não se lembra do trem dos operários, que subia e descia todos os dias, de manhã e ao entardecer, levando-os para o trabalho diário na fábrica? Eu o via "pelos entres" da cerca do quintal da casa do meu avô. Todo dia, dia a dia.

Curioso é constatar que a identidade da FPV não exigia nenhuma outra menção, nenhum outro dado para complementá-la. Todos diziam apenas: a fábrica. Onde trabalha seu avô? Na fábrica. E seu pai? Na fábrica. Onde mora fulano? Perto do portão da fábrica.

Era a única na cidade. Dispensava quaisquer outros nomes, complementos ou rótulos. E, assim como ela, a maioria de seus setores e serviços agregados se identificava também como sendo da fábrica: o açougue, o armazém reembolsável, o cinema, o pórtico, a farmácia, a mata, as casas da Vila Duque. Tudo da fábrica.

Alguns poucos setores não eram assim identificados: o cassino era dos oficiais, a estação era e é até hoje da Estrela. Aliás, no cassino faziam um sorvete que tinha sabor de delícias!!!

Quando descíamos do Colégio Estadual, após as aulas, juntávamos nosso dinheirinho para comprar, de vez em quando, aquele sorvete cujo sabor se perdeu no tempo.

E o futebol? Era programa familiar de muitos ir ao campo do Estrela nos finais de semana, para ver o time do mesmo nome jogar contra vários adversários da região. O time era formado por operários que trabalhavam na fábrica e vinham de vários lugares. Muitos vinham mais pela oportunidade de jogar futebol, mesmo tendo que trabalhar na fábrica.

Quando o jogo era contra a Hepacaré de Lorena, aquele campo ficava absolutamente lotado de espectadores e torcedores. É muito bom ter também esta lembrança.

Quando crianças, ficávamos encantados com os enfeites-de-natal que eram colo-

cados na pracinha do cinema, com os presentes que nossos pais recebiam para entregar aos filhos, com as cestas-de-natal. Também com os parquinhos que eram montados perto da pracinha, com seus brinquedos que, à época, eram inovadores e desafiantes. Tudo por conta da fábrica.

Havia a Escola Industrial, que também era da fábrica, onde muitos alunos de várias cidades do Vale iam estudar; a Escola do "Seu Leopoldo", onde muitos de nós estudamos. Além disso, e ainda mais significativo, havia o Hospital da Fábrica, que possuía um corpo médico altamente competente e especializado e para onde afluíam pessoas de inúmeros lugares. Algumas para se consultar, outras para se tratar e outras, ainda, que passavam por cirurgias diversas. Era um hospital de excelência, como poucos hoje o são.

Felizes de nós que vivemos na cidade, nessa época. Ela possuía vida, prosperidade, recursos culturais, materiais e médicos, além de toda a gama de suporte cotidiano. Isso dava aos moradores a certeza de que podiam encontrar tudo ali e sequer precisavam procurar em outras cidades coisas básicas para viver.

Frequentávamos o cinema, onde passava quase sempre um filme diferente a cada dia. A porta do cinema, ficava o "seu" Geraldo pipoqueiro, com frio, sob chuva, para abastecer os cinéfilos e os passantes.

O cinema, bom lembrar, era da fábrica também. O mesmo filme que passava no cassino dos oficiais era projetado para a população da cidade. Todos os dias. Foi ali que conheci os grandes mestres da cinematografia e assisti também aos seriados eletrizantes que passavam antes de cada filme.

Enfim, vivemos por muitos anos à sombra dessa instituição que foi a Fábrica. A cidade até hoje sobrevive contando com os proventos deixados por ela, representados na aposentadoria de muitos e no valor que as pensionistas recebem a cada mês.

Essas boas lembranças afloram de quando em quando em minha mente e chego a divagar, a imaginar como seria a cidade hoje caso essa sombra benéfica da Fábrica não tivesse deixado de pairar de vez sobre ela, mas tivesse apenas diminuído de intensidade.

**S.J. dos Campos, fevereiro/2009.
Eunice Ferreira**



Fotos arquivo Pre-Memória

Crônicas Pitorescas

Esquecimento caro...

Palmyro Masiero

Como jamais me esqueço do que quer que seja, exceto quando não me lembro, fico imaginando o que passou pelas cabeças dos operários João Wenceslao e Nelson Gomes da Luz, para aprontarem essa!

Deixar algo escapar da memória é bastante normal. Esquecer, por exemplo, é bastante normal. Esquecer, por exemplo, o guarda-chuva é quase que um ponto de honra. Ele, o guarda-chuva, não passa de um objeto mesquinho, não cria laços de amizade e sequer proporciona maiores intimidades. Talvez por estar sempre vestido de luto considere-se no direito de ser esquecido.

Existem casos mais graves. A mulher manda o marido dela lá comprar sabão em pó e, passadas umas três horas, ele surge com um quilo de linguiça embaixo do braço.

Voltemos aos nossos amigos Wenceslao e Nelson Gomes. Antes, uma visão do ambiente. Um ramal da linha férrea passava por trás do Almoarifado – aquele antigo, onde, dentro, na parede, bem grande havia um dístico, num arremedo de letras góticas: "Cada cousa em seu lugar, cada lugar com sua cousa". Era ali, numa plataforma, em que se carregavam e descarregavam mercadorias. Como a linha fazia uma curva, o maquinista não tinha boa visão do trajeto.

Pois bem. Os dois operários citados pertenciam ao 4º Grupo e haviam levado sobre um "trolley" algo para se descarregar no Almoarifado. Feito o serviço, retiraram-se, lado a lado, num bom bate-papo. Andando e conversa rolando. Só que se esqueceram do trole em frente ao Almoarifado.

No momento em que o auxiliar de maquinista José Alves pegou o desvio para o depósito, a maria-fumaça, ao fazer a curva, estava quase em cima do trole. Com uma rapidez invejável e uma perícia extraordinária, José Alves conseguiu evitar o choque que poderia destruir o carrinho ou até provocar o descarriamento da máquina.

Aí a coisa esquentou. Quem deixou o trole na linha? O pagode entrou num ritmo acelerado e não demorou para que se encontrassem os autores da arte. Foi quando tomaram conhecimento da besteira.

Sabem no que resultou isso? O Diretor da F.P.S.F, Cel. Achilles Pederneiras, lascar, no Boletim nº 86, de 23 de julho de 1909, um CASTIGO, multando-os em oito dias de vencimentos. Esquecimento caro!

Em compensação, nesse mesmo Boletim, lá está gravado um ELOGIO ao ajudante de maquinista José Alves, louvando-o pela presença de espírito e habilidade.

Esquecimento não rima com distração, mas que são afinadíssimos entre si, isso são!



Os filhos da Fábrica de Pólvora

A história da Fábrica de Pólvora Sem Fumaça inicia-se com os primeiros planejamentos realizados sob a responsabilidade do marechal Medeiros Mallet, em 1902, exatamente o ano em que Euclides da Cunha publicava "Os Sertões" que, num Brasil com os olhares voltados para a Europa, tornavam-se um marco da valorização da realidade e das tradições do país e um sinal de ruptura com o projeto de Brasil europeizado. Nesse contexto em que sopravam ventos nacionalistas, começava a ser gerada a Fábrica de Pólvoras numa grota encravada na Mantiqueira, onde nossas forças militares passaram a buscar o alimento de sua artilharia para a defesa, manutenção e construção da federação a partir de 1909, início das atividades fabris.

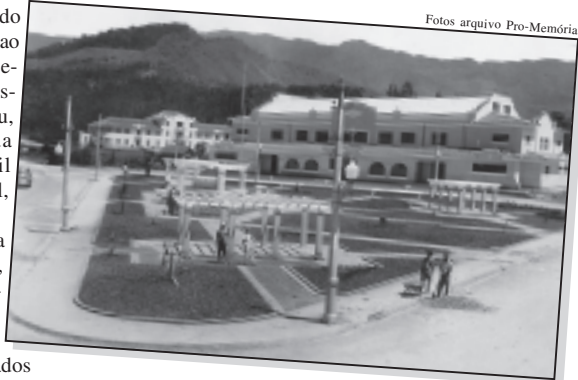
Os primeiros anos da República do Brasil foram fortemente marcados por uma hegemonia agrária exportadora. Isto durou de 1889 até a grande depressão de 1929, quando a decadência do café e as dificuldades do mercado externo forçaram o sistema agrário da velha República a investir na economia industrial orientada para o mercado interno, substituindo as importações.

Mesmo levando em conta que a primeira guerra mundial dera um pequeno incentivo a uma precária industrialização em algumas regiões do país, ainda podemos afirmar que a cidade de Piquete, com a implantação da Fábrica de Pólvoras, viveu situação ímpar

entre as cidades do Vale do Paraíba fortemente atreladas ao café. Ela conheceu precocemente o fenômeno da industrialização e isto provocou, gradativamente, profunda modificação no seu perfil econômico, político, social, religioso e cultural.

A riqueza gerada com a produção industrial criou, aos poucos, uma classe operária independente das antigas elites; a capacitação profissional, em diversificados ofícios, causou impacto na infra-estrutura e no embelezamento da cidade; o desenvolvimento econômico atraiu operários de todo o Brasil, bem como artesãos, sapateiros, alfaiates e comerciantes que vieram suprir as necessidades dos operários. Isto causou uma rica adição de novos elementos culturais na vida social da cidade, que foi conhecendo uma diversidade capaz de romper a sedimentação do etos, dos costumes anteriormente estabelecidos. Acredito que a diversidade é sempre enobrecedora; por isso, penso que este fato foi muito positivo para nosso povo.

Nestes 100 anos de atividades, a Fábrica de Pólvora alimentou não só as forças militares e a construção civil, mas também a vida dos piquetenses. Gerou muita



alegria, produziu bom futebol, carnaval, templos e festas religiosas, deu às famílias o pão de cada dia. Com a pólvora, produziu também a dor e o sofrimento, separando pessoas que se amavam, quase sempre antes da hora. A Fábrica foi sempre um ponto de convergência da vida da cidade.

Nós, que somos filhos de Piquete, somos também filhos da Fábrica de Pólvora. Desejamos que esta data seja um marco na construção de uma empresa ainda mais forte e atual. Que este novo século que se inicia em sua história seja um tempo de sucesso e prosperidade, e que a Fábrica continue exercendo seu importante papel social em nosso município.

Pe. Fabrício Beckmann

A caminho da Fábrica

A principal condução que levava os operários moradores de Lorena à Fábrica Presidente Vargas, em Piquete, era o trem.

Conhecido por muitos como Piqueteiro e por alguns como o "Trem dos Operários", de segunda a sexta-feira saía da Estação de Lorena, às 6h. Repleto de operários, militares, professores, estudantes, o trem carregava a esperança de dias melhores que cada um trazia no coração.

A convergência de passageiros, logo de manhãzinha, para o embarque era maciça. Todos, irmanados, procuravam sentar-se à janela das composições para poder apreciar a paisagem lindíssima no transcorrer da viagem. A fuligem largada pela máquina não incomodava.



Como se fosse um trem de turismo, os passageiros conversavam, sorriam e comentavam algo acontecendo lá fora, e, de vez em quando, o maquinista acionava o apito charmoso, numa festança incomparável.

O Chefe da Estação, ao badalar a sineta, autorizava a partida. O trem começava sua jornada entre os bairros centrais e o da Gabelinha. A primeira parada dava-se na Ponte Nova, sobre o rio Paraíba do Sul. De olhares ávidos, os passageiros curtiam as águas mansas do rio e brincavam com os pescadores às suas margens.

A parada seguinte era a Estação Angelina (Fazenda Amarela). Ali não havia desembarque, apenas apresentava-se uma paisagem bucólica. O rio da Angelina, entre arbustos, corria tão pertinho da linha férrea, que dava para ouvir o murmurinho das águas misturando-se aos cantos dos pássaros.

Na estação seguinte, Cel. Barreiros, às vezes a maria-fumaça tinha sede. Depois de arrefecida a caldeira, seguia adiante.

Da Parada Ramos pra frente, começava a aparecer Piquete, pequeno trecho da rodovia BR-459, as curvas do Rio do Piquete, casas e quintais arborizados.

O maquinista, antes de chegar à parada Bela Vista, colocava a cabeça pra fora da máquina; se houvesse passageiro, facilitaria seu embarque.

Na Estação Rodrigues Alves, a parada era um pouco demorada, pois embarcava e desembarcava muita gente. O Chefe da Estação estava sempre atento: só permitia a saída do trem com a estação sem qualquer movimento de pedestre.

Na Estação da Estrela desciam alguns estudantes, professores e militares. Era uma estação movimentada, pois alguns funcionários ali picotavam seus cartões. Dali até a última parada, no Portão da Limeira, onde ficava a Casa do Ponto, alguns operários procuravam ir à plataforma das composições a fim de serem os primeiros a descer.

Com as composições vazias, o trem passava pelo Portão da Limeira, fazia a manobra no interior da Fábrica e retornava. Nunca atrasou. Sempre à hora deslizou pelo tempo a fora.

O barulho das rodas rilhando, o apito charmoso, a fuligem que às vezes queimava o capim seco ao longo do itinerário, a sineta das estações, o picotador de passagens — tudo passou como sonho.

Neste 15 de março, centenário da Fábrica Presidente Vargas, nós a abraçamos e agradecemos sua existência.

Edival da Silva Castro

Fotos arquivo Pro-Memória



Diana Valeriano, Kiko Ribeiro e Dalton Morrison na mata da IMBEL



Inauguração do Memorial da Usina Rodrigues Alves



Exposição de Artes Plásticas no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa"

IMBEL/FPV – Responsabilidade Social

A IMBEL/Fábrica Presidente Vargas é parceira da Fundação Christiano Rosa (FCR) desde sua instituição, em 1997. Por meio de seus dirigentes vem acompanhando os trabalhos da Fundação, tendo firmado com ela seu primeiro convênio de cooperação técnica em 1998. Nesta ocasião foi viabilizada uma série de visitas técnicas ao fragmento de Mata Atlântica conservado pela FPV ao longo de 100 anos, que teve como resultado relatórios dos diversos especialistas que por aqui passaram. Entre eles, citamos os ecólogos Dra. Janice Wiles (Maryland University-USA) e Dr. Richard Wiles (EWG-USA), biólogos Dr. Dalton Morrisom Valeriano (INPE) e Dra. Diana Damasceno, ornitólogos Drs. Fábio Olmos e Herculano Alvarenga (USP), Dra. Ana Valéria Araújo (Fundação Ford), Dr. Sérgio Leitão (Greenpeace), Dr. João Paulo Capobianco (ex-Secretário Nacional de Meio Ambiente), Geógrafa Sílvia Jordão (Fundação Florestal), Dra. Cecília (UNITAU), entre outros. Todos se encantaram com a riqueza de biodiversidade encontrada na Mata. Pretendia-se a criação de uma unidade de conservação, a implantação do corredor ecológico da Mantiqueira e a criação do "Parque da Cidade". Foram previstos cursos de capacitação técnica e de conscientização ambiental, pesquisa científica de fauna e flora,

preservação dos recursos hídricos, exploração do potencial turístico-ecológico, criação de viveiro e produção de sementes com espécies nativas do fragmento florestal da FPV, geração de empregos e renda para a comunidade de Piquete.

Outra parceria significativa na área de preservação do patrimônio cultural da cidade foi a cessão em comodato do prédio da Antiga Capela do Hospital, que se encontrava em estado precário de conservação. Reformado, transformou-se no Espaço Cultural "Célia Apa. Rosa", no qual a FCR realiza atividades culturais, artísticas, musicais, educacionais, encontros e reuniões técnicas.

A FPV, com a anuência e promoção da IMBEL e seus dirigentes, além de parceira sempre foi nossa aliada na preservação da memória piquetense, restaurando diversos edifícios e monumentos de significativa importância histórica e turística para Piquete (antigo Contingente, Casa 1, Estação da Estrela com sua locomotiva, Pórtico).

Recentemente, em 2006, quando do centenário da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves e da Represa Mal. Argollo, a FPV recuperou-as e transformou o edifício da usina no Memorial Usina Rodrigues Alves. É importante registrar a qualidade do trabalho realizado no Memorial, obra ímpar

na região, equiparada a trabalhos existentes na Europa. É fundamental visitá-lo para o conhecimento da história da FPV, que se confunde com a história de nossa cidade. Na ocasião, foi lançada uma bem ilustrada revista que orienta o visitante.

Ainda em 2006, nova parceria foi firmada, agora para a preservação de recursos hídricos: a recuperação da mata ciliar do ribeirão Limeira, cuja nascente se encontra em terras da IMBEL/FPV. Até o momento foram plantadas 34 mil mudas, com mais de 90 espécies nativas. O plantio na mata ciliar do ribeirão Limeira faz parte de um projeto maior denominado "Corredor de conectividade entre a APA da Mantiqueira e a APA do Paraíba do Sul", através do ribeirão Limeira. Trata-se de um projeto pioneiro no vale do Paraíba. Em 100 anos, a FPV conservou mais de três mil hectares de floresta e, em parceria com a FCR, irá recuperar mais 46 hectares. Em 2009, deverão ser plantadas mais 16 mil mudas, totalizando 50 mil unidades plantadas.

Por seu lado, a FCR, reconhecendo a importância da FPV para o município, se preocupou em arquivar um arquivo fotográfico-documental ímpar sobre sua história. Parte desse arquivo será exposta no Espaço Cultural "Célia Apa. Rosa" neste centenário.

O agradecimento pela confiança dispensada à Fundação nos seus treze anos torna imperiosa a citação dos nomes do Gen. Paiva Chaves, Cel. Alfredo Araújo, Cel. Wagner Carini, Gen. Cássio Cunha, Gen. Fernando Manguinho e Gen. Álvaro Henrique de Moraes, que representam os administradores que, ao longo dos anos, puderam entender seu trabalho. A grandeza de pensamento desses homens e de outros militares que por aqui passaram tornou possível a preservação e a conservação do grande patrimônio ambiental, artístico, cultural e arquitetônico construído pela FPV em seus 100 anos de existência, a qual se firmou ao longo do tempo como uma empresa com responsabilidade social.

Ana Maria Gouvêa, Arquiteta e Urbanista, é Presidente do Conselho Curador da FCR



Projeto de recuperação de mata ciliar do Ribeirão Limeira: plantio de mudas



Os operários da FPV

Fotos arquivo Pro-Memória

A instalação da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, em Piquete, no começo do século XX, inaugurada a 15 de março de 1909, trouxe animação e esperanças à recém-emancipada cidade.

Os homens em idade adulta passaram a ser incorporados a suas fileiras produtivas, desde a construção das oficinas, estradas de ligação, até os galpões e prédios da administração e burocracia, e das linhas de produção propriamente ditas, além da edificação das residências dos oficiais graduados.

Ligada desde as origens ao estabelecimento militar do Exército e às Forças Armadas, logo cedo ela já incorporava a hierarquia dos comandos e dos seus componentes.

Pertencer aos quadros de produção da Fábrica não era apenas uma necessidade, chegava a ser uma questão de "status", um escalonamento social respeitável. Afinal, havia um salário, algumas garantias para alugar-se uma casa, casar-se e ter filhos; e os mais jovens, para conseguir emprego e ascender na escala produtiva, aceitavam começar dos trabalhos mais pesados e menos atraentes, para lutar por melhores posições.

Muitos nomes ascendentes na escala social da cidade e nos quadros do funcionalismo da Fábrica iniciaram suas carreiras nas seguintes condições: instalavam dormentes e faziam reparos na estrada de ferro, faziam limpeza de todo tipo, cuidavam de hortas, pastagens e animais, além de serem usados como mensageiros e serviços dos mais diferentes afazeres. Afinal, eram subalternos, e como tais tratados. A hierarquia era obedecida sem pejo e com humildade. Esta foi a marca individualizadora daqueles homens que, depois de idade não muito avançada, anunciavam, nos rostos, a marca indelével das histórias das quais foram protagonistas.

Enquanto isso, a pólvora à base de nitrocelulose, denominada sem fumaça, era produzida segundo as técnicas que vinham de 1884, que, com propriedades balísticas adequadas, exigidas pelos fuzis Mauser

Operários da FPV em 1909

1894, importados, justificavam a implementação produtiva da munição necessária.

A importação, onerosa, impunha a criação de fábricas de munição de armas portáteis como a que foi instalada no Rio de Janeiro – a Fábrica do Realengo, concluída em 1898, e a Fábrica em Piquete, no início do século XX.

Os operários eram treinados para elaborar o trabalho junto às oficinas de produção que se instalavam sob orientação dos técnicos norte-americanos da Dupont-Nemours.

Nem tudo são glórias

Houve ferimentos e mortes entre os trabalhadores da Fábrica. A poluição no trabalho e os descuidos da segurança causaram muita dor e perdas.

Este é um capítulo muito difícil de ser tratado. Os números reais dos eventos infaustos misturam-se e o que permanece é uma angústia para não se esquecer jamais. Esta memória não deve ser perdida, por sua exemplaridade.

O ruído forte e rouco da explosão na serra, pois as usinas, perigosas, eram

encaixadas nas grotas rochosas, o penacho de fumaça nas vertentes dos vales encaixados estreitavam a circulação sanguínea e aceleravam as taquicardias.

Todos saíam às calçadas e portas. Corria-se à entrada da Enfermaria-Hospital, depois do Hospital propriamente dito. Boatos. Confirmações. Avisos fúnebres. Tudo muito difícil de ser cumprido. As famílias dos desaparecidos em angústia.

Os restos buscados nas matas. Os enterros quase simbólicos. As cruzes estilhaçadas no cemitério. As memórias dos que foram naquele dia ou pernoite, e não voltaram. Os sorrisos deixados no ar. Os anseios sepultados e os sonhos interrompidos. A ausência de muitas perspectivas. Os balcões dos bares, na procura insana da possibilidade do esquecimento do destino trágico. Os pulmões afetados. A neurose do trabalho. As contas a pagar e os filhos, o lar, os preços, a comida, os remédios. A necessidade da moradia.

Paralelamente, os diretores da Fábrica, e especialmente, o Cel. Aquino, na angústia de tentar evitar maiores males, buscando, de alguma forma, superar essas dificuldades. Visitava as famílias, procurava oferecer uma residência de posse permanente e hereditária, educar os filhos, e funcionava como conselheiro. Mas as situações complicavam-se e as circunstâncias nem sempre favoreciam.

O destino incerto, entretanto, irmanava a todos. A população inteira de Piquete e Lorena solidarizava-se.

O sincretismo religioso, as festas populares e religiosas, os bailes, o Carnaval e os desfiles cívicos pomposos tentavam disfarçar esses males.

O glorioso Esporte Clube Estrela era uma boa derivação para as emoções reprimidas. Uma "elite" nos salões programava eventos e encontros. As bandas marciais encantavam e animavam. E a juventude disputava prêmios entre bailes e bailes. Havia uma euforia paralela. Eram as décadas de 1940 - 1950 - 1960.

*Dóli de Castro Ferreira**Operários em 1977, quando a FPV foi incorporada ao grupo IMBEL*



Cronologia da Fábrica Presidente Vargas



11-02-1902: O Marechal Mallet chega a região de Piquete, a convite do Barão da Bocaina, para escolha do local para construção de um sanatório militar e de uma fábrica de pólvora. Em março tem início a construção do Ramal Férreo Lorena-Bemfica e do Sanatório Militar, em Lavrinhas, próximo a São Francisco dos Campos.

26-03-1904: Visita do Marechal Argollo, que veio inspecionar as obras militares na região. Nesta ocasião foi escolhido o local definitivo para construção da fábrica de pólvora.

05-07-1905: Compra das fazendas "Sertão", "Estrela do Norte" e "Limeira" para instalação da Fábrica

19-07-1905: Chega a Piquete a Comissão Construtora da FPSF, sob o comando do Tenente Coronel Augusto Maria Sisson.

24-07-1905: Lançamento da pedra fundamental da usina hidrelétrica.

26-01-1906: Nomeada a Comissão de Compras, com a função de adquirir, nos EUA, aparelhagem necessária à Fábrica, tendo como chefe o General Modestino de Assis Martins.



15-09-1906: Inaugurados pelo Marechal Argollo e pelo Presidente de São Paulo, Washington Luiz, o Ramal Férreo Lorena-Bemfica, a Estação Ferroviária Rodrigues Alves, a Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves, a Represa Marechal Argollo e a iluminação elétrica da Vila da Estrela, em construção.

19-12-1906: Através do Decreto Estadual nº 1033, a Vila Vieira é elevada à categoria de cidade, com o nome de "Vieira do Piquete".

03-05-1907: A Comissão Construtora da Fábrica dá por concluídos os 37 edifícios da FPSF.

17-12-1908: O então Tenente Coronel Aquilino Veloso Pederneiras é nomeado primeiro Diretor da Fábrica.

15-03-1909: Inauguração da FPSF, pelo Presidente da República, Dr. Afonso Augusto Moreira Penna.



22-05-1909: Produção dos primeiros 500kg de ácido sulfúrico.

30-08-1909: Primeiro lote de pólvora química no Brasil.

1911: Conquista do "Grande Prêmio" da Exposição Internacional de Torino, na Itália

06-12-1913: Fundação da Sociedade Beneficente do Povo da FPSF.

14-12-1914: Fundação do Esporte Clube Estrela.

11-03-1915: Após seis anos à frente da administração da Fábrica, o Cel. Pederneiras é nomeado Diretor do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, deixando a FPSF.

29-10-1915: Restringida para "Piquete", por meio da Lei Estadual nº 1470, a designação de Vieira do Piquete.

20-05-1918: Visita do Presidente da República, Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, e comitiva à FPSF.

06-06-1919: A Fábrica recebe a visita do General Emílio Maurice Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa, instrutora do nosso Exército.

1922: A FPSF é premiada na Exposição Internacional, no Rio de Janeiro, durante as comemorações do primeiro centenário da Independência.

08-07-1924: Em vista da "situação anormal" que atravessava o país, chega à FPSF um contingente de 83 praças do 4º B.E., para guarnecê-la.

14-02-1931: Criação da Seção Comercial da FPSF.

11-08-1932: Suspensão do Coronel José Pompeu de Albuquerque Cavalcante da direção da FPSF, em função da Revolução Constitucionalista de 1932. Assume a direção da Fábrica o tenente coronel Felisberto Antônio Fernandes Leal em nome do general Bertold Klinger, chefe das forças rebeldes.

14-09-1932: Abandono da Fábrica pelas forças revolucionárias.

31-05-1933: Inauguração da Fábrica de Trotil.

03-06-1936: O Decreto nº 878 aprova o

novo regulamento da Fábrica, que passa a denominar-se "Fábrica de Pólvoras e Explosivos de Piquete".

25-06-1936: Inauguração do novo edifício do Cassino e Cinema dos oficiais.

25-08-1937: Inaugurados o Grupo Escolar da Fábrica, a arquibancada do Estádio do Estrela e a Enfermaria-farmácia.

03-05-1939: Por determinação do Ministério da Guerra, a Fábrica de Pólvoras e Explosivos de Piquete passa a denominar-se "Fábrica de Piquete".

17/07-1939: Visita do Presidente da República Getúlio Vargas.

19-10-1939: Criação do "Patronato" da Fábrica de Piquete.

24-10-1940: Visita do Presidente da República Getúlio Vargas acompanhado do Dr. Adhemar de Barros, Interventor Federal em São Paulo, e do general Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra.



15-03-1941: Inauguração de um novo grupo fabril composto das fábricas de nitroglicerina, dinamite, pólvora de base dupla e novo laboratório experimental, num total de 44 edificações.

8-12-1942: Inauguração oficial da fábrica de Base Dupla, pelo Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, ocasião em que a Fábrica de Piquete passa a ser denominada Fábrica Presidente Vargas.

28-08-1948: Inauguração, pelo Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, do novo Hospital da FPV.



1977: A FPV é incorporada à IMBEL, empresa vinculada ao Ministério do Exército.

02-09-1987: Visita do Presidente da República José Sarney.

15-09-2006: Inauguração do Memorial Usina Rodrigues Alves